

“Swap” de óleo reduz déficit

Maurício Corrêa
de Brasília

O governo encontrou uma fórmula instantânea para reduzir as suas dificuldades de curto prazo em relação à balança comercial, na forma de um “swap” de petróleo. Ontem à noite, o ministro de Minas e Energia, Raimundo Brito, disse que a Petrobrás iniciará imediatamente negociações com seus parceiros, dos quais possa receber a maior quantidade possível de óleo bruto, em 1998, com garantia de devolução nos anos de 1999 e 2000, quando, então, a estatal espera estar produzindo 75% do consumo interno. Com este artifício, o governo espera derrubar para apenas US\$ 3 bilhões o déficit comercial de 98.

Esse tipo de operação de troca de óleo presente por óleo futuro é inédito no Brasil, encontrando uma certa semelhança no caso do México, quando a crise do peso, em 1994, levou o país a oferecer a sua enorme produção de petróleo como garantia de financiamentos internacionais.

A meta da Petrobrás, para 1998, é de atingir 1,2 milhão de barris diários de petróleo, elevando a produção interna para 1,5 milhão no ano 2000. A agregação desses 300 mil barris/dia, no período, permitirá fechar os contratos com os parceiros, segundo revelou o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luiz Carlos Mendonça de Barros.

Para o ministro Raimundo Brito, nenhum tipo de parceiro será discriminado nessas operações. Ele garantiu que a Petrobrás dará prioridade, nos seus negócios, às companhias que fornecerem petróleo ao Brasil dentro das propostas anunciadas ontem.

Pio Borges, diretor do BNDES, admitiu, em tom de brincadeira, que “a necessidade faz o sapo pular”, frisando que “as soluções criativas surgem exatamente nos momentos de crise”. Para Raimundo Brito, a iniciativa “terá efeito muito positivo sobre o resultado da balança comercial em 1998”. A conta líquida de petróleo, este ano, deverá fechar entre US\$ 5,8 bilhões e US\$ 6 bilhões, caindo para US\$ 4,6 bilhões em 1998. Mendonça de Barros também argumentou que alguns analistas estimam que, no próximo ano, o resultado do comércio pode já ficar desfavorável em R\$ 5 bilhões ao Brasil.